

DANIEL GALERA

O deus das avencas

Três novelas



O deus das avencas

Estão esperando que ela comece a sangrar, a sentir dor. Manuela está com ódio de tanta demora. Já faz duas semanas que não aguenta mais carregar a barriga por aí, nas escadas do prédio sem elevador, pelas calçadas repletas de lajotas soltas que ainda espirram nas suas canelas inchadas a água suja das últimas chuvas de outubro. Quer dormir de bruços e sem o amparo de travesseiros, levantar do vaso sem precisar se apoiar na pia, parar de levar chutes nas costelas pelo lado de dentro. Quer voltar a transar sem ser derrotada toda vez por essa massa que se agigantou em seu corpo. E Lucas, que tem de si mesmo a imagem de uma pessoa que passou a vida toda subjugando o cansaço sem se deixar vencer, confiante no moto-perpétuo de vigor que abriga nas entranhas e o mantém sempre no combate por mais que esteja apanhando, se sente acuado nos últimos tempos por uma sensação de perigo que não compreende bem. Tem medo de não ter dinheiro para o básico, de que Manuela sofra em demasia, de ter um derrame ou um infarto, de que o país entre em guerra civil na madrugada de segunda. Seu corpo, entretanto, não apenas atravessa incólume essa temporada de suas vidas como está mais magro e definido que nunca. A autobiografia em que trabalhou como ghost-writer por seis meses foi lançada em junho e o autobiografado, um jovem empresário que tinha participado de ultramaratonas em todos os continentes e passado por uma experiência de quase morte no deserto de Atacama, pagara a última parcela do contrato na semana

anterior. Agora Lucas quase não trabalha, em parte porque não resta muito trabalho remunerado para um jornalista como ele, que começou cobrindo a cena cultural e se contentou nos últimos anos com uma atuação cada vez mais apagada como freelancer, se perguntando se fazer a assessoria de comunicação de uma construtora era mesmo o tipo de coisa que estava disposto a aceitar para não terem de se mudar da capital para o interior, onde o custo de vida não os pressionaria tanto. Mas houve também uma certa preguiça nisso, ele avalia agora, como se desejasse saborear as últimas migalhas de indolência que teria o luxo de receber por alguns anos e quisesse se acomodar aos poucos no assento da paternidade não programada. Nos momentos em que se via sob a luz mais favorável, acreditava estar fazendo tudo a seu alcance, mas na verdade estava em negação. Devia ter aceitado todos os trabalhos mal pagos e desalentadores, acossado seus contatos e contratantes do passado até acumular tarefas que não daria conta de cumprir. Tem frequentado assiduamente suas aulas de boxe numa academia barata e com ares de calabouço, perto do viaduto da Goethe, onde precisa lidar com o sarcasmo dos fisiculturistas carecas de meia-idade que o enxergam como um hippie comunista que entrou na porta errada. Nos últimos meses aumentou a carga dos exercícios como se quisesse responder ao fato de que seu corpo, ao contrário do de Manuela, não se transforma. Mas tem plena consciência de que já está decadente demais para que toda essa dedicação realmente faça alguma diferença. Desde que ficou estabelecido que o apartamento será um ambiente livre de tabaco, sai para fumar na pracinha a duas quadras de casa e aproveita para fazer barras na trave dos balanços dos bebês, para constrangimento de todos os presentes. Dia desses se flagrou fazendo barras e fumando ao mesmo tempo, tragando o Camel na descida e soltando a fumaça na subida, enquanto sua mente fabricava

cenas muito realistas e serenas envolvendo a sua morte por doença, acidente ou suicídio.

Mas eles estão contentes. Chegaram em casa quase ao mesmo tempo, ele vindo do dentista, onde consertou um molar quebrado, o último item de sua lista de pendências resolvíveis antes do nascimento do filho, e ela de uma ida à estética para fazer as mãos e os pés e se depilar. As ruas da cidade estão mais engarrafadas que o normal naquele fim de tarde e Manuela ficou presa vinte minutos no carro que chamou por aplicativo, até que enfim pediu para descer antes do destino e caminhou as seis quadras restantes até a porta de casa, se deleitando com a brisa refrescante e o sol ainda ardente das cinco horas enquanto os pedestres abriam caminho para a sua barriga como se ela fosse um profeta dividindo as águas. Lucas veio em pé no ônibus cheio, mordiscando o lábio anestesiado como se fosse o anel de borracha de uma tampa de panela de pressão, degustando com secreto prazer o cheiro do suor alheio e desviando o olhar a toda hora do fluxo indistinguível de anúncios e trivialidades exibido pela tevezinha do ônibus. Dividindo por alguns momentos o espaço exíguo da entrada do apartamento, ela tira as sandálias e ele elogia suas unhas do pé escuras e lisas como porcelana, com a pele em volta ainda rosada pela ação recente do alicate.

A casa está desarrumada na medida que consideram aconchegante, com pilhas de toalhas lavadas sobre o sofá à espera de serem dobradas e guardadas, uma frigideira com restos de ovos mexidos no fogão, canecas em equilíbrio precário no pufe macio, exalando aroma de café seco, um par de meias brancas de Manuela e o chambre verde-água de Lucas esquecidos no piso do banheiro em meio a pelos e cabelos, pilhas de livros e revistas exigindo atenção em cima de todas as superfícies livres, dispositivos eletrônicos e seus carregadores aguardando caninamente pelos donos nos lugares onde

foram deixados. É Manuela a responsável pelos quadros de jovens artistas locais pendurados em todos os cômodos, pelos lustres pesados que obscurecem a luz das lâmpadas em consonância com o seu amor à penumbra, pelas piritas e quartzos variados enfeitando as estantes, incluindo uma imponente drusa de ametista sobre cuja origem e significado emocional ela insiste em guardar segredo. Quando Lucas se mudou para o apartamento que ela já ocupava havia cinco anos, não encontrou resistência para acomodar nas estantes parcialmente esvaziadas pelo namorado anterior as suas centenas de livros velhos com lombadas descoloridas nem para atulhar a cozinha com suas porcarias industrializadas e destilados, mas de resto não tinha vontade de interferir muito na decoração. Sua presença deixava marcas de outra espécie, o ranço de tabaco, os temperos fortes e aromas artificiais, detritos corporais, a eletricidade de sua constante inquietude ou de sua compulsão por alinhamentos, que o levava a ajustar os panos no fogão e os frascos no banheiro numa eterna busca por paralelas, ângulos retos e superfícies niveladas. Eles adoram o lugar onde vivem juntos agora, reconhecem ali seus cheiros, suas constelações de ícones culturais, a aura vestigial de fodas e brigas.

Hoje há também lírios cheirosos no vaso sobre a pequena mesa de jantar quadrada, espargindo um aroma doce e fermentado. A geladeira guarda um estoque festivo de frutas inteiras e picadas, água de coco, uma tigela de gaspacho, gelatinas e queijo de cabra, alimentos que Manuela desejava consumir durante o trabalho de parto. As avencas continuam firmes, mesmo privadas há nove meses da sua dose regular de sangue menstrual diluído em água. Num sábado da semana mais quente do verão passado, Manuela adubou os vasos e esqueceu um copo com a sobra da poção nutritiva em cima do balcão da pia na cozinha. Lucas estava a par daquela prática, mas chegou em casa um pouco bêbado e julgou estar diante de um

restinho do excepcional suco de uva da Serra Gaúcha que tinham comprado na feira da José Bonifácio. A ingestão acidental até hoje os perturbava um pouco, não por nojo ou pudor, mas porque pareceu ser um elemento-surpresa de uma liturgia que os unira, um pacto de sangue não premeditado que havia selado seus destinos. Foi a última menstruação de Manuela. Algumas semanas após o episódio, ela fez o exame de farmácia. O aplicativo infalível para controle de ciclo menstrual não era, é claro, infalível. Ficaram se olhando, pasmos, mas os minutos foram passando e nenhum dos dois mencionou aborto. Se abraçaram e ficaram sussurrando um no ouvido do outro o quanto se amavam, que tudo ficaria bem, que seriam a família mais espetacular de que o mundo já tivera notícia e que nada poderia ficar tão ruim lá fora a ponto de impedir que fossem felizes e dessem à criança uma vida que valeria a pena viver. Foram dormir apaziguados pela primeira vez em muito tempo.

Às sete horas desta sexta-feira, com o sol em horário de verão dando uma última olhada por cima dos telhados dos prédios vizinhos, Manuela chama Lucas na sala e diz que acha que sentiu uma contração. Ela está encarapitada na poltrona tipo Charles Eames puída que trouxe da casa dos pais em Caxias do Sul quando veio estudar em Porto Alegre, com os joelhos abertos e os pés unidos, uma das mãos sobre a barriga e a outra segurando o celular. Sua mandíbula está projetada para a frente e os dentes de baixo estão cobrindo as pontas dos dentes de cima numa fisionomia prognata que ela assume às vezes sem perceber, em momentos de emoção forte, para desgosto próprio e deleite de Lucas, que acha o cacoete enternecedor e não perde a oportunidade de exaltar seus caninos inferiores pontudos. Ele imagina como seria se ela desse à luz ali mesmo, na sala, em questão de minutos, como dizem que às vezes acontece. Deseja secretamente que algo assim inesperado apresse o

longo ritual de dor e sangue, que se veja obrigado a lidar com a expulsão, com placenta e mucos, um marmanjo meio abobalhado com um recém-nascido empapado nos braços, ainda unido à mãe pelo cordão, embora na realidade tenha conhecimento apenas especulativo do que os aguarda e essa seja uma fantasia governada ao mesmo tempo pelo desejo viril de protagonismo e pela afobação. Mas nenhum dos dois está no controle agora. São servos diligentes do processo que desencadearam com uma fodinha suarenta no meio de uma tarde abafada. Pode ser que as contrações demorem várias horas, que entrem madrugada adentro.

Manuela quer esperar a próxima para ter certeza. Sabe que existem contrações falsas, de treinamento. Nada acontece por vários minutos. Ela larga o celular e pega de novo o exemplar de *Crash*, do Ballard, ao qual está grudada desde ontem. O final da gestação despertou nela um apetite por narrativas extremas e cheias de horror corporal. Assistiu impassível a filmes horríveis que faziam Lucas se retirar da sala com alguma desculpa. Na trigésima sétima semana eles baixaram um torrent da tetralogia *Alien* e fizeram uma maratona. A metáfora do filme original era potente mas um tanto escancarada, a criatura cheia de dentes, tesa como um caralho duro, arrebatando o ventre do astronauta numa cesárea masculina abominável e operada sem o menor cuidado pelo próprio feto. E a tenente Ripley, mulher forte, magra, sem peito, de mandíbula potente, com uma constituição que, era impossível não repararem, lembrava um pouco a de Manuela, sobrevivia e se livrava do monstro fálico despachando-o no espaço sideral como quem se livra de uma aranha usando uma enxada. Mais surpreendente para eles foi rever o quarto filme da série. Nenhum dos dois lembrava bem do final em que um alien com feições humanoides é parido pela rainha-monstra, a qual, por sua vez, é filha de um clone da Ripley dos filmes anteriores. Aquele

bicho que chegava ao mundo horrorizado com a própria carência e vulnerabilidade, eles concluíram enquanto rolavam os créditos, era uma caricatura de um bebê humano. Mais do que a sanguinolência e o derramamento de gosmas e secreções, aquela carência feroz e angustiada do alien híbrido lhes pareceu um anúncio inquietante do que estava por vir, e Lucas reparou que Manuela parecia assustada como nunca antes com a sua condição de gestante, tanto que demorou a pegar no sono e eles tiveram a sua primeira noite de insônia compartilhada.

A contração seguinte chega uns dez minutos depois e pega Manuela já novamente distraída com a leitura. Ela geme como se uma brincadeira tivesse ficado séria de um instante para outro, se tornando a violência a que apenas aludia. Franze a testa, arreganha os dentes, suga ar com um chiado e o sopra em seguida, olhando para a barriga e depois para Lucas com uma expressão que é ao mesmo tempo um susto, uma ameaça de sorriso e uma pergunta. É a mesma expressão, pensa Lucas, das cláusulas de consentimento redigidas no calor da hora quando estão inventando algo novo ou pegando pesado na cama. Ele a encara com expectativa, aguardando alguma descrição útil, algo que faça sentido para que ele possa opinar e se mexer. Agora ela tem certeza de que não se trata de um ensaio. A fisgada se espalha pelo ventre, a barriga endurece. Lucas se aproxima do modem de banda larga, que pisca suas luzinhas com diligência como se fizesse um apelo à vida, coloca os dedos na fonte ligada à tomada e olha para Manuela aguardando uma confirmação, que ela logo fornece com um aceno de cabeça. Ele desliga a tomada. Pegam seus smartphones e desativam a transmissão de dados celulares. A interrupção da internet parece subtrair do ambiente uma parcela de ruído e agitação, como se o fogo de uma panela tivesse sido desligado. Sabem que é ilusão, mas também que, em certo

sentido, estão realmente silenciando um pouco o mundo, construindo um abrigo contra o cerco das demais urgências. Tinham entrado em acordo sobre o desligamento desde a última ecografia, na qual o bebê havia coberto o rosto com os dedinhos anfíbios como se quisesse se proteger da fonte do ultrassom. Por algumas horas, estabeleceriam uma redoma que deixaria de fora não somente a balbúrdia motorizada das ruas do centro histórico, a enxurrada de informações e notificações, a nuvem de veneno da polarização política, das notícias falsas e dos memes, mas também os amigos e a família, que seriam avisados apenas depois que eles chegassem ao hospital. A obstetra de Manuela, uma mulher de uns quarenta anos, com cabelos curtos e pinta de levantadora de peso, uma das poucas que atendiam em Porto Alegre de acordo com a cartilha do parto humanizado, os instruíra a manter contato com ela por telefone a partir do momento em que as contrações começassem, pois nas suas idas e vindas entre o consultório e a ala obstétrica ela muitas vezes não podia acompanhar mensagens de texto e áudios.

Manuela telefona para a obstetra, que não atende. Eles se entreolham. Teria sido mesmo uma boa ideia contar apenas com o telefone? Nem cinco minutos passaram e já querem a internet de novo. Manuela está convencida de que a médica logo retornará a ligação e começa a andar pela casa juntando peças de roupa, guardanapos amassados e embalagens de alfajor. Lucas vai atrás dela e passa as mãos em seus cabelos e quadris. Sente uma ternura meio idiota, parece que estão se despedindo. Enquanto alisa as dobras do edredom na cama deles, ela aventa a possibilidade de que tenha alta no hospital a tempo de ir votar no domingo. Ele realiza um cálculo mental e acha improvável, mas ela insiste que sim, é totalmente possível. Se o parto for mesmo natural e tudo correr bem, ela pode ter alta no dia seguinte. Em muitos países da Europa dão alta no

mesmo dia. Talvez precisem ir um de cada vez, ele fica com o bebê enquanto ela dá um pulo no local de votação. Lucas pergunta se ela acha que vão deixá-la entrar na fila de prioridades se estiver sem o bebê. Ter dado à luz trinta e seis horas antes ainda é prioridade? Vão acreditar nela? Estão se divertindo com essas elucubrações quando o celular de Manuela toca.

A nesga de céu entre os dois prédios mais próximos adquiriu um tom salmão com estrias vermelhas e uma nova agitação vai surgindo nas janelas vizinhas. Adultos e crianças estão chegando da escola e do trabalho, andando de um cômodo a outro em toalhas de banho, conversando à distância com gritos que de longe parecem mudos enquanto televisores brilham com noticiários azulados ou desenhos animados ultracoloridos. Lucas fecha as janelas de vidro antirruído que instalaram na sala e nos dois quartos para proteger o sono do futuro bebê, cortesia dos pais de Manuela, que também compraram boa parte das roupas, mamadeiras e acessórios indispensáveis de acordo com uma coach de enxoval que a mãe dela conhecia por ser filha de sua ex-melhor amiga de colégio em Caxias, aquele tipo de coisa. Eles mesmos tiveram a dignidade de comprar pelo menos os móveis infantis, em quatro parcelas, e também vinham conseguindo pagar o plano de saúde dentro do orçamento que combinava o salário de Manuela na PUCRS, onde dava aulas de literatura na graduação, e o dinheiro que Lucas tinha na poupança irrigada pela sobra do cachê de ghost-writer e pelas remunerações de dúzias de textos de toda espécie e tamanho que escreveu sobretudo para produtoras de conteúdo fundadas nos últimos anos por jornalistas mais jovens que ele, muitos dos quais eram vítimas frescas das demissões coletivas que se alastravam pelos veículos tradicionais, aqueles rapazes e moças que arriscavam sua vez no empreendedorismo por convicção ou falta de alternativa e tentavam dar a volta por cima fornecendo material

para os mesmos veículos que os demitiram, só que recebendo menos e sem direitos e garantias. Enquanto fecha as janelas do quarto do bebê, que substituiu o antigo escritório, Lucas escuta Manuela conversando com a obstetra no celular. Ela tem uma contração no meio da conversa e em seguida tenta descrever para a médica o que sentiu. Depois disso fica muda por alguns minutos, apenas escutando e assentindo com monossílabos. Lucas pega a carteira de cigarros na mesa da sala, procura o olhar de Manuela, que o ignora com aquele ar concentrado que diz muita coisa, e vai fumar na janelinha da área de serviço. Tem saudade de fumar à vontade em qualquer lugar da casa. Quando vivia sozinho, fumava até no banheiro. Um grande amigo seu parou de fumar quando o filho de três anos disse que papai fedia. Checa o celular por hábito e lembra que se desconectaram. Gostaria de acionar os dados celulares agora para dar só uma olhadinha, mas se contém. A mão mastiga o aparelho como se o impulso mental de satisfazer a fome de dados pudesse ser substituído pelo tato. Pensa em Manuela na sala. Tudo que precisam está ali dentro, tudo mesmo, ele repete consigo, sentindo na boca o gosto do filtro chamuscado do cigarro. Sempre tentou tomar as melhores decisões e se preocupar com o futuro logo adiante, mas não estava realmente preparado para de repente ter uma família. Porque parece haver acontecido de repente, apesar de eles terem construído juntos, passo a passo, essa realidade em detrimento de outras, ainda que com variados graus de intenção e consciência ao longo do processo. Será que o medo que o assalta às vezes de surpresa tem a ver com a constatação de que não planejou nem decidiu bem o bastante até chegar à presente situação de suas vidas, que falhou em detectar as etapas realmente decisivas e as consequências incrementais de suas escolhas à medida que se apresentavam nos últimos anos? Ou teria mais a ver com a apreciação de que a

instabilidade geral das coisas e as ameaças que dizem respeito mais diretamente à sua estabilidade material, aos valores que julga básicos para uma existência digna, nunca foram assim terrificantes? O nascimento da criança é uma ilha provisória na pororoca cheia de entulho. Ele e Manuela eram o tipo de casal que gostava de se entregar a fantasias de um isolamento forçado. Pelo menos na cabeça dele, afluíam de vez em quando cenários especulativos de caos social, desastre climático ou rompimento definitivo com o modo de vida urbano, forçando-os a uma reclusão heroica e hedonista no aconchego do lar ou ao refúgio idílico em rincões distantes. Só anseia por esse tipo de coisa quem ama para além de qualquer dúvida, ele gostava de pensar. Amar além de qualquer dúvida era a boia que lhe permitia respirar um pouco nos piores momentos e ele nem gostava de pensar no que poderia ocorrer se a boia afundasse. Antes de conhecê-la melhor, Lucas tinha a impressão de que Manuela era uma mulher elevada e arrogante, talvez até um pouco mau-caráter, uma cria da elite demofóbica da Serra Gaúcha. Os bons lugares de festa em Porto Alegre na época em que se conheceram não eram muitos, volta e meia eles se esbarravam e se cumprimentavam com certa desconfiança, interessados mas sem querer dar o braço a torcer. E ela namorava, com um herdeiro de vinícola que aparentemente viajava de moto boa parte do tempo. Quando um amigo que tinham em comum morreu num acidente de carro, conversaram no velório e compartilharam suas anedotas favoritas do convívio com o sujeito, sobrepondo facetas incompletas de uma vida interrompida, e aquilo foi a única coisa que lhe trouxe um pouco de conforto. Algum tempo depois se surpreendeu ao encontrá-la num bar de sinuca onde uma banda de amigos de colégio de Lucas costumava tocar covers de grunge. Naquela noite tiveram uma conversa mais solta e ele descobriu que, apesar de

guardar a fachada aristocrática, Manuela era uma revolucionária disfarçada que traduzia voluntariamente textos de ecofeminismo para um coletivo que os publicava na internet e em edições baratas em papel. Ela não falava fácil, parecia preferir que soubessem o mínimo a seu respeito, mas uma pergunta certa abria portas como as de um museu pouco visitado de uma cidade pequena. Ele correu um risco imenso quando disse que gostaria que ela o procurasse quando o namoro com o motoqueiro chegasse ao fim. Ela foi elegante e defendeu o sujeito. Uns dois meses depois, Manuela pediu o endereço de Lucas por mensagem de texto. No mesmo dia a campainha tocou e um motoboy lhe entregou um cartão de acesso a um quarto no Hotel Everest. Um bilhete preso ao cartão com clipe de papel dizia apenas que não precisava bater. Ele foi até o hotel, subiu de elevador ao décimo andar e passou o cartão na porta. No meio do cigarro seguinte, enquanto a conversa com a obstetra prossegue na sala, Lucas espia o interior da cozinha e lembra de quando reparou que Manuela costumava trocar panelas e chaleiras de lugar sempre que ele ia esquentar ou cozinhar alguma coisa no fogão. Quando finalmente a questionou sobre o motivo, ela disse que era preciso tomar o cuidado de usar todas as bocas do fogão na mesma proporção, sem favorecer nem preterir nenhuma. Esquentar a chaleira sempre na boca do canto inferior esquerdo era uma falta de consideração com as demais. E assim ele desvendou o significado de uma série de manias dela que antes pareciam apenas sintomas de um leve transtorno obsessivo-compulsivo. Manuela, ele percebeu naquele momento, tinha uma empatia toda especial por objetos inanimados. Era importante distribuir de maneira equânime o cuidado e a atenção que dedicamos a eles, jamais largá-los num lugar qualquer, assegurar que estavam limpos e guardados de modo a honrar suas funções, enfim, tratá-los com toda a consideração e todo

o respeito que normalmente dedicamos a seres animados que estão sob nossa guarda ou responsabilidade. Lucas apenas morre de medo de não ser uma espécie tão fantástica quanto ela. Mesmo sendo mais velho, receia que a banalidade de suas crenças e a infantilidade de seus desejos sejam desmascaradas cedo ou tarde.

Quando Lucas volta para a sala, Manuela está na penumbra, fuçando no celular com um ar irritado. A obstetra explicou que as contrações que ela está sentindo agora são muito fracas e que pode levar horas até que fiquem intensas a ponto de indicarem a dilatação necessária. No celular, ela tenta usar o aplicativo gratuito para monitoramento das contrações que havia baixado dias antes, mas a versão gratuita tem recursos limitados e ela não consegue fazer com que os anúncios parem de pipocar na tela. Manuela tem mais uma contração, que dura uns quarenta e cinco segundos. Vai se foder, ela desabafa. Seu rosto está crivado de tensão. Lucas vai buscar o notebook no quarto e enquanto isso ela liga o ar-condicionado em vinte e um graus, acende os dois abajures, coloca uma playlist previamente preparada e baixada offline no celular para tocar na caixinha de som, e busca um potinho de açaí no congelador. Eles se acomodam juntos no sofá e Lucas trabalha no Excel enquanto fala com o bebê, dizendo para ele trazer toalha e roupa de banho porque vai fazer calor. Manuela está usando uma calça de moletom branca e uma espécie de roupão de seda azul-violeta que comprou durante uma viagem que fizeram à Serra, num brechó em São Francisco de Paula. A barriga e os peitos inchados brotam de seu corpo esquelético como mutações carnudas e emborrachadas. Ela está com as faces vermelhas e os pés balofos. Uma música de CocoRosie termina e outra de Tom Zé começa. Manuela está pondo uma colherada de açaí na boca, mas interrompe o movimento, grunhe e agarra o apoio de braço do sofá. Lucas cronometra. Essa tem cinquenta segundos e

veio só seis minutos depois da anterior. Eles se olham e sorriem, pois tudo parece estar dentro do roteiro e pelo jeito não vai ser muito demorado. A mochila para o hospital está pronta há dias com primeira roupinha, toucas, meias, mudas de roupa para eles, biscoitos integrais, carregadores, documentos, e-reader. Ele mostra a tela do notebook para ela. Acabou de criar uma planilha para monitorar as contrações com campos para o horário de início, horário de fim e intensidade de um a cinco. Fórmulas atualizam automaticamente a duração de cada contração, as médias a cada meia hora e o intervalo desde a anterior. Ele diz que podem usar um código de cores para a intensidade. Uma planilha separada traduz tudo isso em gráficos que por enquanto ainda são anomalias geométricas e não informam coisa alguma. Manuela agarra as barbas de Lucas e lhe tasca três beijos consecutivos. Sorte minha que tu é velho e sabe usar Excel, ela diz. A luz do sol já definhou. Restam a iluminação pública e as lâmpadas dos apartamentos vizinhos tingindo de amarelo-enzofre as paredes da cidade. Os faróis dos carros que sobem a lomba às vezes produzem faixas de luz que percorrem o teto por frações de segundo, como se atravessassem o obturador de uma câmera antiga para imprimir cenas desconhecidas no reboco.

Manuela encara sua nesga de céu tímido e sem estrelas com ar desafiador. Tem medo da noite desde que quase morreu por causa de uma reação adversa rara a um antidepressivo. Hoje ela duvida que realmente precisava do medicamento prescrito para lidar com as crises, mas também entende que pode ser apenas um viés instaurado pela passagem do tempo, já que depois de se safar de oito dias numa UTI com os rins comprometidos por uma rabdomiólise os episódios de depressão não se repetiram. Mas outra sombra sazonal se instaurou, menos debilitante, que parece querer interrogá-la em vez de sufocá-la. Se sente observada pelos olhos de escuridões maiores

contidas dentro da noite. O apartamento é seu casulo e Lucas, uma espécie de porteiro ou caseiro. É para isso, sobretudo, que precisa de homens, para cuidar da porta e fazer sexo. Não conseguiria tocar o resto de sua vida sem isso. Lucas a conquistou porque desde o início não parecia esperar de uma relação com ela muita coisa além de companheirismo e saciedade física. Com o tempo ela aprendeu a identificar melhor a insegurança por trás de sua grosseria cosmética de homem hétero, o inconformismo contido em sua admirável disposição para o trabalho, o prazer puro que ele obtinha em agradar as pessoas das formas mais simples. Os desejos dele podiam ser ferozes, mas ela gostava de se submeter. Às vezes tudo que precisava era ser um pouco usada, sabendo que dali a pouco, quando recobrassem as forças, ela seria amparada no que fosse necessário, sem riscos e sem cobranças. Com Lucas por perto, Manuela encontra coragem. Quer mostrar aos ciclopes do céu noturno que está à altura da provação biológica, que tudo permanece dentro da normalidade. Não está fora de si, não se transformou no bicho endemoniado das cenas de cinema, manterá alguma compostura enquanto expulsa esse habitante que a governa, suga seus nutrientes, tateia as paredes de seu útero como se quisesse verificar a integridade de seu esconderijo. Ainda é a mesma e seguirá sendo depois que isso terminar, será difícil notar a diferença. Estende a mão e alisa o pau de Lucas, que estava reclinado no sofá, meio catatônico, e agora pigarreia e projeta a pélvis em reconhecimento ao agrado. Brincam que seria uma boa hora para transar, se divertem inventando juntos esse cenário hipotético, até que mais uma fígada faz Manuela gemer alto e ofegar por um minuto. Ela sente como se a rasgassem por dentro, é pior do que qualquer coisa que já sentiu. Lucas registra tudo na planilha.

Três horas depois, Manuela tenta ligar de novo para a obstetra. Lucas analisa a planilha das contrações com sanha de jornalista investigativo, procurando um padrão ou código secreto que lhes diga o que fazer. As barras e linhas dos gráficos não revelam tendências, a estatística é inútil para iluminar o caminho. Toda orientação prévia a que tiveram acesso falava em contrações que cresceriam de intensidade e frequência, havia a promessa de uma constância. As de Manuela vêm desordenadas, com intervalos variando entre dois e dez minutos, de fracas a martirizantes, sem padrão discernível. Ela já tomou dois banhos quentes sentada na bola de pilates. A bolsa não rompeu, não há sangue, muco, nada. Agora ela está com o celular no ouvido, sentada no sofá de olhos fechados, com a expressão de quem atravessa o pântano do atendimento telefônico de uma grande empresa em busca de uma voz humana, no caso a da obstetra, convalescendo no vale entre dois picos de dor, respirando de modo quase imperceptível, vibrando uma energia transcendente. A essa altura o apartamento sem internet já ocupa uma dimensão isolada no tempo e no espaço, é uma cabana remota impregnada do hálito e do suor de dois humanos desgarrados do rebanho. Se ainda não abriram uma fresta na janela nem ligaram a televisão é porque confiavam na execução de um algoritmo que a essa altura já deveria ter alcançado determinados resultados, e interferir em seu funcionamento ainda não parece prudente. Aos poucos, porém, a ingenuidade de toda e qualquer expectativa prévia começa a ficar nítida para eles. Estão em território selvagem e imprevisível.

A obstetra atende alguns minutos depois. Está na lanchonete do hospital, comendo um sanduíche de queijo depois de fazer uma cesárea. Manuela diz que está sentindo muita dor, que a média dos intervalos é de uns cinco minutos. Escuta a resposta por alguns segundos, se despede, deixa o celular cair no assento do sofá e

começa a chorar. Lucas a consola, acaricia seu pescoço um pouco grudento, pergunta o que foi. A obstetra garantiu que ainda estava longe do momento de irem para o hospital. Disse que a voz de Manuela ainda soava muito normal, muito lúcida. Sugeriu que ela chame alguém para lhe fazer companhia além do marido. Uma amiga, uma parente, uma doula. E pediu que voltasse a ligar somente se ocorresse algum fato novo ou se já estivessem a caminho do hospital, pois agora ela estava indo para casa dormir um pouco e ver os filhos.

Uma nova contração os interrompe. É das fortes. Manuela tenta respirar regularmente, inclina o tronco para a frente e Lucas massageia as suas costas. Não sabem se a massagem ajuda mesmo ou se há um tipo específico de massagem que seja mais indicado. Começam a se dar conta de como estão despreparados, por mais que tenham planejado tudo. Mas Manuela não queria nenhuma amiga ou parente por perto. Sua relação com os pais é caracterizada por uma grande distância emocional e ideológica, embora tampouco haja ódio ou rancor, e os aportes financeiros ocasionais são para as duas partes um substituto conveniente para o afeto presencial. Não os odeia, não discutiram feio durante um almoço dominical nem romperam relações por causa de política, como aconteceu a conhecidos dela e de Lucas que também tinham pais abastados e instruídos, observadores preocupados das desigualdades naturais da sociedade, que tinham conseguido controlar as piadas racistas e homofóbicas após uma década de treinamento a contragosto, mas não se rebaixariam ao ponto de discutir os valores da meritocracia, da propriedade e da família tradicional. Manuela acreditava que o esforço de tentar mudá-los era inútil e ingrato, portanto lhes concedia uma cláusula de exclusão na lei moral com que julgava todo o resto da humanidade. Evitando o conflito a todo custo, porém, acabavam

*image
not
available*

algumas horas livre de afobação e medo. Pensam que a vida é intensa e que estão protagonizando uma aventura.

Mas eles ainda não conseguem saber se as contrações ficaram mais fortes, se o bebê está mais perto de nascer. Aos poucos a apreensão retorna. Corpos entram em pane, bebês morrem. A vida é resiliente até que se apaga. Sussurros pairam no ar dizendo que essas coisas acontecem e eles se arrepiam, perdem o fôlego, ficam enjoados. Manuela repete consigo mesma, como um mantra, que o contrário da morte não é a vida, é o nascimento. Ninguém sabe o que é o contrário da vida. Não sabe se faz isso para se acalmar ou mergulhar de vez no desespero, mas a frase gruda em sua mente. Eles se meteram numa enrascada e estão apenas se distraíndo, perdendo tempo. Fazendo tudo errado. Depois de assistirem a alguns episódios das primeiras temporadas de *Seinfeld*, Manuela levanta e começa a andar pelo apartamento, gemendo e suspirando, dizendo que está agoniada de ficar no mesmo lugar. A movimentação não dura muito tempo e logo ela deita na cama para tentar descansar um pouco. Lucas senta na beira do colchão, aperta a coxa dela durante mais uma onda de dor e depois também se deita, um pouco hesitante. Manuela insiste para que Lucas saia dali e vá assistir a um filme, ler alguma coisa, fumar na rua, mas ele diz que não está com cabeça para fazer nada. Diz para Manuela que sente uma mistura estranha de culpa e impotência. Ela se irrita com ele, a criança nem nasceu e tu já tá aí muxoxando como um castrado. Sentem-se dentro de uma bolha de tempo que se desprende do fluxo circadiano habitual. As revoluções do Sol e da Lua cedem lugar à sucessão desregrada de contrações. Às vezes Lucas tem a impressão de que Manuela dorme entre uma contração e outra, às vezes ela balbucia palavras sem sentido ou roga por ajuda, opinião, alívio. Ele tenta imaginar a sensação de um colo de útero se dilatando e tem visões dignas de

horror gótico com massas de tecido fibroso, ossos chatos e úvulas se revirando. Ela perdeu a fome e bebe água em golinhos curtos somente após muita insistência. Lá pela uma da manhã as dores ficam muito mais fortes. Manuela começa a ficar incoerente e isolada do mundo a seu redor. O fim de um suplício é apenas o início da antecipação aterrorizada do próximo. Às duas da manhã, sete horas depois das primeiras contrações, Lucas liga para a obstetra e avisa que estão indo para o hospital. Com a voz pastosa e sonolenta, a obstetra não parece convencida, mas diz que os encontrará dali a uma hora.

Qualquer dúvida que tinham a respeito de ser aquele o momento certo de ir para o hospital desaparece assim que se acomodam no banco traseiro do táxi. Há um conforto cinematográfico na situação, o carro rodando sem pressa nem interrupções no asfalto desimpedido da noite morna, sendo apenas ocasionalmente cercado por outros carros que levam pessoas não grávidas às festas daquela madrugada de sábado, gente que não está tendo filhos mas sim indo dançar, se embriagar, brigar, encher a barriga de frituras e queijo, se beijar, foder, olhar os corpos e roupas umas das outras, ter conversas exaltadas sobre séries de televisão, celebrar ou se deprimir nas ruas e bares com as últimas pesquisas eleitorais antes da eleição, ansiar ou temer por sua liberdade. Eles dois não têm a ver com nada disso agora, estão apenas pedindo licença para passar, precisam cuidar de uma coisa que excede todas as outras, uma criança que vai sair de uma barriga. O motorista, um grandalhão imberbe com sotaque de colônia alemã, permanece calmo e dirige devagar mesmo quando Manuela gane de dor. Conta que um de seus três filhos nasceu no hospital para o qual se dirigem, que ficaram presos no engarrafamento do fim de tarde mas chegaram a tempo e tudo deu certo, que resta na lembrança apenas uma felicidade enorme. O

hospital fica no limiar da zona semirrural existente no coração urbano de Porto Alegre, um enclave de pequenos sítios e vilas, antigos casarões e leprosários engolidos por seus antigos jardins ao longo de décadas, pomares e pastos que a maior parte dos moradores da cidade nem sequer sabe que existem, embora fiquem a quinze minutos de carro do centro. O táxi sobe uma ladeira sinuosa entre habitações precárias e imensas árvores de mata nativa emporcalhadas de fuligem e resíduos de plástico. O céu ali tem mais estrelas. Logo estarão numa sala de parto, aos cuidados da obstetra e de enfermeiras, as dúvidas serão sanadas, os milagres do protocolo médico serão postos em prática e mesmo que ainda demore um pouco já não há volta.

Desembarcam em frente à entrada do setor de emergência. A funcionária da triagem detecta imediatamente a situação de parto e Manuela é levada numa cadeira de rodas por uma porta pesada de vidro fosco enquanto a enfermeira que a empurra faz perguntas sobre intervalos de contrações e bolsa d'água. Lucas é instruído a subir ao segundo andar, onde fica a recepção da maternidade, para preencher os formulários. O prédio do hospital parece adormecido. Luzes automáticas acendem em alguns cantos enquanto ele atravessa um salão vazio e sobe pelas escadas. Passa por murais com cartazes falando de sarampo e doação de sangue. A funcionária no balcão pede dados sobre plano de saúde e o nome do bebê. A sala de espera está vazia e contém três fileiras de meia dúzia de cadeiras estreitas, um bebedor e uma pequena televisão presa à parede e felizmente desligada. Estar sozinho no hospital vazio lhe traz, enfim, um pouco de calma. Ele pega o celular, olha as últimas fotos tiradas, resiste à tentação de se conectar. Combinaram que sairiam da bolha somente depois que ele desse o primeiro banho na criança. Pensa nos pais que moram em Imbé, a uma hora e meia de Porto Alegre, com quatro

cães que são, individualmente e entre si, assimétricos em sua anatomia a ponto de parecerem a obra de um geneticista maluco, numa casa a três quadras do mar cor de chocolate, de frente para um enorme gramado que está sempre cheirando um pouco a esgoto. Manuela os descreveu certa vez como duas crianças hipertrofiadas. Eram criaturas gritalhonas e apolíticas, bondosas somente no sentido em que costumamos atribuir essa qualidade a seres ingênuos, viciadas em rodízio de pizza e séries de televisão com baixo orçamento. Sua felicidade imune a crises de qualquer tipo, meio ofensiva às pessoas sérias, era contagiante por alguns minutos, após os quais provocava em Lucas uma vontade desesperada de sumir para nunca mais vê-los. Dali a uma ou duas horas teria de ligar para eles, se preparar para os presentes inadequados e a alegria histérica que trariam. Não é que não queira vê-los, antecipa a euforia babona da mãe e os olhos marejados na cara de boneco do pai, e crê que parte da graça de ter um filho é pagar uma dívida afetiva que tem com seus genitores e antepassados. É só que ao imaginar a alegria não consegue evitar de imaginar também a fadiga espiritual que o acometerá em questão de trinta minutos. A principal vantagem de serem daquele jeito é que mal pareciam cientes de que havia uma eleição em curso e sempre votavam em quem Lucas mandava. Ou assim diziam.

Uma mulher corpulenta de avental hospitalar passa em direção à porta da maternidade, e por um instante ele pensa tratar-se da obstetra, mas desfaz a impressão assim que trocam um olhar rápido. Aos poucos começa a se questionar sobre a pertinência de tanta privacidade, tanta autoproteção, tanta autonomia. Não quer estar ali sozinho com essa sensação estranha de que estão fazendo algo em segredo, uma fuga, um aborto. Pega o telefone, abre as configurações e fixa o olhar no botão virtual que ativa os dados celulares. Sua

pulsação dispara, seu corpo cansado se crispa em antecipação ao que está por vir. O dedo se aproxima da tela, o celular transmitirá uma vibração ínfima, mas de enorme potência erótica, à mão que o segura, e pronto. A porta da maternidade abre de novo e uma enfermeira magrinha e ruiva vem na sua direção. O dedo se afasta da tela luminosa. A enfermeira confirma a sua identidade e diz que Manuela já está saindo. Lucas guarda o telefone no bolso, pega o isqueiro e fica brincando com ele entre os dedos, com a cabeça latejando por um cigarro. Ela aparece um minuto depois, com os braços soltos ao lado do corpo e uma cara de morte estampada no rosto, escoltada pela enfermeira. O obstetra de plantão falou que ela está com apenas um centímetro de dilatação. Um centímetro, Lucas, um centímetro, ela repete, atônita. O médico propôs romper a bolsa e administrar oxitocina, mas ela se recusou, então foi orientada a voltar para casa e esperar. Enquanto aguardam o táxi que o porteiro chama para eles na recepção, Manuela liga para a obstetra, que se resume a dizer que tinha avisado, que era para os dois voltarem para casa e relaxarem, e ligarem de novo somente se a bolsa estourar ou se as contrações ficarem muito mais intensas e frequentes, pois agora ela precisava dormir mais algumas horinhas antes de visitar uma paciente em recuperação. Essa semana está uma loucura, ela diz, parece que os bebês combinaram. Não devem se preocupar se ela não estiver disponível na hora em que voltarem, um de seus colegas os atenderá até que ela chegue. Eles miram a escuridão indiferente em torno do hospital e não conseguem dizer nada. Se sentem como bonecos de um diorama lúgubre que é observado pelos vultos das enormes árvores. Constatam em silêncio a sua inocência perdida, o fim da ilusão de que ainda detinham algum controle sobre o que vinha pela frente, de que uma certa dose de conhecimento, de boas intenções, de expectativas razoáveis e de crença no mecanismo de